

# NOVAS LENDAS ORIENTAIS

*Malba Tahan*

## ÍNDICE

O Lao-Yê e a flor	3
A primeira rupia	5
O estratagema de Takla	22
Uma lenda de Krishnamurti	29
A fantasia do cheique	33
O domador de elefantes	37
A lenda do lago de Szira	38
O "T" em árabe e os três beduínos	40
O problema dos dez mil dinares	44
Treze, sexta-feira	50
O velho Zamarak	55
O Natal do bom califa	56
A esposa dos dois maridos	60
Uma aventura de amor no reino do Sião	68
Capítulo I	69
Capítulo II	75
Capítulo III	85
Capítulo IV	92
Capítulo V	97
Capítulo VI	104

Copyright de CONQUISTA  
Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro — Brasil — 1962

MALBA TAHAN  
Novas Lendas Orientais  
KITAB EL-MAÇOUN  
(O livro bem guardado)

Lendas e contos orientais traduzidos  
Diretamente do original árabe  
Adaptação e notas do Prof. BRENO ALENCAR BIANCO  
Ilustrações de RAMON LLAMPAYAS  
2ª Edição

#### DEDICATÓRIA

Aos

Cheique José Noujaim Habib Nakad El-Khoury  
Comendador Adibo Ares  
Mounir Hillal  
Bahige Raffoul Sahade  
e Nassim Chammés

Dizia Abu Iussof Eb-Cassem Iben Tálaba, cheique de Atalaia, em Rgba El-Khali:

"Jamais poderia o homem de coração esquecer os bons, os justos, os leais e os generosos amigos. São eles as verdadeiras dádivas de Allah."

Homenagem de Malba Tahan  
Rio de Janeiro, dezembro de 1958

A tradução para o árabe é da autoria do Prof. Ragy Basile

## O LAO-YÊ E A FLOR

Levanta-te, Mulher!, Levanta-te!

— És a fonte dos jardins, poço vivo das águas que correm do Líbano!  
Salomão, Cantares, 4,15.

RECORDO-ME, e com muita saudade, da última visita que fiz a Damasco. Corria o ano de 1912 e o verão mostrava-se implacável. O meu companheiro de jornada, nesse tempo, era um jovem sírio chamado Omar Rabih que eu conhecera dois anos antes, em Palmira, durante o conflito com os agitadores franceses.

Certa manhã, muito cedo, deixamos a Praça do Serralho, subimos, a seguir, a tortuosa Sandja Kdar, cruzamos o Bazar dos Gregos, e fomos parar junto ao venerável túmulo do sultão Saladino. Era nossa intenção aguardar ali a chegada de dois vendedores de trigo a fim de concluirmos os últimos detalhes de uma transação de alto interesse para mim, transação que fora iniciada, na véspera, por uma habilidosa proposta de Omar Rabih.

Esperamos, com paciência, cerca de meia hora. E os homens do trigo não apareciam.

— E os teus amigos virão? — indaguei, já um tanto preocupado com a demora injustificável dos mercadores.

— Não tenho a menor dúvida — tranqüilizou Omar, falando com a maior serenidade. — O negócio ficou ontem bem assentado e deve interessar aos homens de Haourã. Não creio que eles se aventurem a quebrar o compromisso.

Mas o fato é que os mercadores tardavam. O tempo passava arrastando a sua interminável caravana das horas perdidas. A larga praça, que se abria em frente à Mesquita dos Omníadas, (Allah que a nobilite cada vez mais!) ia, pouco a pouco, enchendo-se de forasteiros vindos de todos os recantos da Síria. Beduínos maltrapilhos, vendedores de refresco e caravaneiros de folga gritavam, discutiam e praguejavam sem cessar. Drusos arrogantes, com seus imensos turbantes brancos de musselina, cruzavam lentamente junto à fonte das abluções, dardejando para a direita e para a esquerda olhares cheios de rancor e de ameaças.

De súbito, com surpresa, avistei um chinês, de semblante mole com um grande casaco amarelo, que descia de Bibars. Não me contive:

— Que maravilha! Um chinês em Damasco!

— Conheço-o de vista — informou pressuroso o meu amigo Omar. — É um velho e piedoso islamita, da China muçulmana, que foi a Meca com os peregrinos damascenos. É homem culto, chefe de numerosa família e muito rico.

E acrescentou logo, com vivacidade:

— Aquele bom mandarim, crente de Allah, trouxe-me, agora, à lembrança, uma lenda chinesa muito curiosa. Queres ouvi-la?

E, sem aguardar resposta (que seria certamente afirmativa) o talentoso Omar Rabih contou-me o seguinte:

— Na cidade de Thai-ouan, na China, vivia (já lá se vão muitos anos) um Velho Lao-Yê dotado de grande sabedoria. Cumpre-me esclarecer que Lao-Yê é

a designação dada, na velha China, ao sacerdote que o povo respeita por seu saber e admira por suas virtudes.

Um dia, quando esse Lao-Yê se dirigia para o templo, encontrou uma jovem que se ocupava em enfeitar com flores um ídolo de bronze.

— Que estás fazendo aí, minha filha? — indagou o sábio em tom carinhoso.

— Senhor — explicou a jovem — para exaltar Deus coloco flores em torno deste ídolo. Deus está no ídolo!

— Minha filha — tornou paciente o bom Lao-Yê — bem longo é o caminho do erro e ignorados são, por vezes, os atalhos que nos levam à Verdade. Estás agora, sem querer, com a inexperiência da vida, invertendo o significado das coisas e alterando o sentido oculto dos símbolos. É absurdo enfeitar um ídolo com flores pois Deus está mais nas flores que no ídolo!

E, depois de proferir tais palavras, partiu o sábio para o Templo onde ocupava em ensinar aos moços piedosos, por meio de parábolas e alegorias, o caminho do Eterno Bem e da Eterna Verdade.

Quando o velho e judicioso Lao-Yê, algumas horas depois, voltou para a sua rústica morada, passou outra vez pela casa da jovem adoradora de ídolos e encontrou-a ocupada em uma estranha tarefa:

No alto de uma coluna havia colocado uma flor e, em volta da flor, procurava enfileirar vários ídolos.

— Estais vendo, mestre? — exclamou, com entusiasmo, dirigindo-se ao sacerdote — aprendi a vossa profunda lição. Reparai: Agora são os ídolos que "enfeitam" a flor, pois Deus está mais nas flores que nos ídolos!

— Admiro a tua alma ingênua e simples — replicou o sábio, dobrando a sua fronte calva. — Aprende, porém, a Verdade: Sim, Deus está mais na flor que no ídolo; é preciso, entretanto, observar que Deus está mais na mulher que na flor. Deus, ao criar a mulher, pensou nas flores e, por isso, na mulher vamos encontrar delicadeza, bondade e beleza!

E, ao cabo de breve pausa, rematou:

— Retira daí essa flor, minha filha. Coloca-a em teus cabelos e deixa os ídolos em paz! Mulher! És a fonte dos jardins, poço das águas que correm pelos campos!

Terminada a narrativa, Omar Rabih cruzou os braços e, fitando-me muito sério, disse num tom que revelava irritação e mau humor:

— Os mercadores de Haourã não virão ao nosso encontro. Fomos ludibriados. Perdemos o negócio. Não conseguirás o trigo que tanto desejas.

— Não faz mal — respondi tranqüilo, plenamente conformado com a sorte. — Perdi o trigo mas ganhei uma lenda. Maktub! Que importa o trigo? Não é só de pão que vive o homem; vive, também, dos pensamentos felizes!

Muitos anos mais tarde fui encontrar, entre os inesquecíveis poemas de Gibran Calil Gibran esta sentença admirável:

— "Não é só de pão que vive o homem; vive também das fantasias, dos sonhos e dos pensamentos puros que trazem alento e alegria ao nosso coração".

## **A PRIMEIRA RUPIA**

(Conto folclórico do Paquistão)

O homem virtuoso é feliz neste mundo e é feliz no próximo: é feliz em ambos. É feliz quando pensa no bem que fez; sente-se, ainda, mais feliz, quando envereda pela estrada do Bem.

(Aforismo budista do "Dhammapada", ou "Palavra da Doutrina").

SE queres, meu bom amigo, viajar pelas terras longínquas e misteriosas do Oriente, nada mais simples. Vem comigo. Já escolhi, com cuidado, inspirado na alta sabedoria, o roteiro que mais nos convém. Tudo muito simples e seguro. Escuta. Entraremos pelo Delta do Sindh, (1) cortando as ondas intranquias do mar de Omã. No fim de quatro dias de fatigante e agitada jornada, vamos encontrar, para além da turbulenta Haiderabad (2) (lembras-te de Haiderabad?), vamos encontrar uma cidadezinha pitoresca, risonha, rodeada de espessas e tenebrosas florestas, onde os tigres vêm bramir suas mágoas nas noites calmas de verão.

Essa cidadezinha chamava-se Sevã. Por favor; não te esqueças desse nome tão pequenino: Sevã. (3) Eis a minha idéia: Pararemos exatamente à sombra dos muros de Sevã.

— Que vamos admirar em Sevã? — perguntarás, certamente. — Templos estranhos? Palácios suntuosos com colunas douradas? Ruínas multisseculares enlçadas de lendas seculares?

Nada disso, ó irmão dos árabes!, (4) nada disso! Nem templos gigantescos, nem palácios deslumbrantes, nem ruínas dignas da atenção dos arqueólogos. Entre as ruas estreitas de Sevã, para a esquerda do mercado das Tendas Roxas, esbarramos com uma casa escura, meio escalavrada, de teto baixo, sem pintura, bem modesta uma porta e duas janelas. Ali reside um sábio religioso chamado Raja Ramohã. É homem simples, acolhedor e de boa paz. Dele vamos ouvir uma das histórias mais surpreendentes do Paquistão.

(1) Sindh — Refere-se ao Indo (ou Indu), um dos rios mais notáveis da Ásia Meridional. Era também chamado o Indos e figurou, outrora, entre os rios sagrados do Oriente. Nasce no planalto tibetano, atravessa os desfiladeiros do Himalaia e fertiliza as planícies do Pendjab. Recebe, pela margem esquerda, o Pandjnab (Cinco Rios) e atira-se por um delta de várias bocas, no mar de Omã.

(2) Haiderabad — Cidade importante na Índia, capital de um Estado do mesmo nome. Não é banhada pelo Indo, mas pelo Musi, afluente do Indo. O palácio El-Ohar-Minar, construído para residência dos governadores, é o monumento mais famoso da cidade. Char-Minar significa "Quatro Minaretes". Em Haiderabad, a vida noturna é muito intensa.

(3) Sevã ou Sewã — Cidade do Paquistão Ocidental, à margem direita do Indo. Larga produção de arroz e juta.

(4) Irmão dos árabes — Tratamento carinhoso. Significa: amigo leal, bom companheiro; pessoa que estimamos e cuja companhia nos agrada. Não esquecer que no Paquistão, 80% da população é muçulmana.

— Uma história? Uma história do Paquistão?

— Sim, meu amigo, uma história. Não te surpreendas com esta revelação. Observa só. Subimos o Sindh, o rio das águas sagradas; enfrentamos mil e um perigos; fugimos das traições diabólicas de Haiderabad, e assim procedemos com esse fim único e tão prosaico: ouvir uma história! Uma história do Paquistão! Para muita gente sem crença e sem amor à fantasia, tal idéia seria apontada como uma extravagância ou uma loucura. Todos se enganam. Ouvirás com a máxima atenção essa história espantosa e emocionante que será narrada pelo judicioso e eloqüente Raja Yadava Ramohã; e mais tarde, dentro de quinze ou vinte anos, dirás aos teus filhos e aos filhos de teus filhos se foi útil ou não, a nossa estada junto daquelas espessas e tenebrosas florestas "onde os tigres vêm bramir as suas mágoas nas noites calmas de verão".

— E a história?

— Ah! sim, a história?... Já ia me esquecendo da história. Intitula-se: A primeira rupia. (5) O douto Raja Yadava Ramohã vai iniciar a narrativa. Estejamos atentos. E bem atentos. Encontramo-nos na Ásia, é verdade, nas terras férteis do Paquistão; mas aqui, como em qualquer outro recanto do mundo, sentimo-nos sempre sob o olhar de Deus.

— E a história?

— Vamos ouvi-la, meu bom e prestimoso amigo. Vamos ouvi-la dentro de poucos instantes. Dois predicados exige Deus do homem puro e religioso: Paciência e Resignação!

Sentado num banco tosco, a cabeça baixa, os braços cruzados, o sábio Raja Yadava Ramohã assim começou, numa cadência triste, de remador fatigado:

— Aqui, nesta tranqüila Sevã (já lá se vão muitos anos!) vivia um velho e honrado mercador, de boa casta, mais conhecido pelo nobilitante apelido de Krivá, isto é, "o homem de uma só palavra".

Samuya, o Krivá, era viúvo e tinha um filho. Esse jovem (figura central desta narrativa), tinha o nome de Ghana, (6) ou melhor, Ghana Samuya.

Imenso, chocante e imenso, era o contraste que se podia observar entre o pai e o filho. O velho Samuya, homem honrado e trabalhador, era pessoa de alto prestígio em Sevã. Todos o respeitavam por sua honradez, sua lealdade inquebrantável e, principalmente, por sua permanente preocupação ilibada de praticar o bem, dentro da vida religiosa. Possuía, enfim, as cinco virtudes! (7)

(5) Rupia (leia-se rupia, com o acento no i). Moeda do Paquistão. Divide-se em 16 anas. A rupia vale, atualmente (1957) cerca de trinta e dois cruzeiros. Cada ana é dividida em quatro partes chamadas pices.

\*\*\*

Longa é a noite para aquele que está de vigília, na angústia; penosa é a estrada para o atormentado, sem esperança; triste é a vida para o néscio que vive fora da Lei...

("Dhammapada", cap. V).

Mas o jovem Ghana, por muitas razões, afastava-se inteiramente do modelo paterno. É bastante triste dizer! Ghana Samuya era leviano, vadio e de péssimo comportamento.

— Meu filho! Quero falar-te, pela última vez, das coisas sérias da vida.

Em sua alma enegrecida não cintilava a menor restea do luar da virtude. Rara era a semana em que ele não agitava Sevã, praticando uma desordem ou uma estripulia qualquer. E com isso, quanto desgosto causava ao coração do bondoso Krivá!

Os chefes de família detestavam o estouvado Ghana; as pessoas de bem e de boa casta o evitavam.

— Esse jovem, filho do Krivá — diziam os mais sensatos de Sevã — acabará mal. Muito mal. Na prisão, ou na forca. Vejam: já tem dezoito anos e ainda não tomou jeito para as coisas sérias. É preguiçoso, ignorante e desordeiro!

Sim, tudo era verdade. O moço, leviano e estouvado, arrastava consigo os grilhões de três gravíssimos defeitos: vadio, ignorante e perigoso arruaceiro!

Ora, um dia, ao cair da tarde, um servo foi em busca do desprestimoso Ghana, com a missão de tirá-lo, por alguns momentos, da roda alegre em que ele se achava.

Seu pai queria falar-lhe. E tratar de assunto de alta e extrema gravidade.

— Vai ver depressa o que o rico Samuya pretende — chalaceou um dos comparsas. — Vê se arrancas, daquele ingênuo velhinho, mil rupias. Os teus amigos estão bem precisados! Que venham os taktis (8) de ouro!

Surpreendeu-se o jovem com o chamado paterno. Que seria? Largou a guitarra, ajeitou os trajes e foi ter a sua residência. Passou pelo largo portão de ferro, atravessou o pátio e dirigiu-se ao aposento em que se achava seu pai.

O céu acinzentado do Paquistão assinalava a primeira semana de inverno, e a tarde, sob a serenidade do crepúsculo, estava fria, excessivamente fria. (9)

Deitado no leito, com a cabeça apoiada em largas almofadas de pena, o velho Samuya, o Krivá, meditava. Tudo ali parecia irradiar a tranqüilidade acolhedora das coisas que vivem à luz da Bondade. À direita, no fundo do aposento, a lareira estava acesa. O braseiro crepitava.

(6) Ghana — Com esse nome surge na história do Budismo, uma figura de alto relevo. O discípulo predileto de Buda chamava-se Ghana. E Ghana manteve-se fiel ao Mestre até os últimos momentos. Símbolo da fidelidade inquebrantável.

(7) Cinco virtudes — Caráter firme; sabedoria; bondade; amor ao trabalho; espírito de justiça.

(8) Taktis — Peças raras. Discos valiosos.

\*\*\*

O bom é como um jardim florido, cheio de encanto; o mau é como a flecha envenenada que sibila no meio das trevas.

("Dhammapada", cap. VIII).

As chamas desenhavam, no ar, retorcidos maches (10) de cor rubra, rápidos, saltitantes, como se o fogo quisesse aquecer o mundo com um imenso cardume esbraseante.

Depois de acolher o jovem com um sorriso triste, o ancião assim começou:

— Meu filho! Quero falar-te, pela última vez, das coisas sérias da vida. Atingimos momento de extrema gravidade em nosso rumo pela Terra. Quero informar-te, com paternal sinceridade, da situação. Sinto-me doente, com a saúde profundamente abalada. Não sei se viverei mais de dez ou doze semanas neste mundo. A mensagem que eu trazia para a vida já foi entregue ao Destino. (11)

Tudo fiz, meu filho, a fim de levar-te para o caminho do bem, do trabalho e da virtude; foste sempre surdo aos meus conselhos e admoestações; cego foste também para os nobres exemplos que de mim e de meus amigos recebias a cada passo da vida. Jamais quiseste estudar; detestas o trabalho. Fugias dos bons e procuravas a companhia dos maus, dos cínicos e dos inúteis. Esses péssimos e incorrigíveis companheiros (amigos que em má hora escolheste) perverteram o teu caráter, enegreceram a tua alma. Que és hoje, afinal? Um vadio, um inútil, um tipo detestado e desprezível. E agora sinto que vou deixar neste mundo, para desdouro do meu nome, para desonra de meus antepassados, um filho que todos apontam como uma nódoa da sociedade.

Neste ponto, o enfermo fez uma pausa, olhou para as chamas vivas da lareira e logo prosseguiu com serena melancolia:

— Bem sabes, meu filho, que sou dono de imensas riquezas e esse patrimônio representa cinqüenta e muitos anos de honrado trabalho e cansaço. Tenho vários prédios em Karachi; (12) imensos campos de cultura na província de Khaipur; (13) três boas lojas de comércio em flaiderabad; vinte e um barcos da minha empresa percorrem o Sindh, no serviço de transporte de arroz; são minhas todas as terras ricas e férteis que rodeiam o Munchur; (14) conto, ainda, com um estabelecimento bancário, muito próspero, em Singapura. Pela tua situação de filho único, és o herdeiro de todos os meus bens, de todas as minhas propriedades. Que aconteceria, porém, se toda essa riqueza (terras, casas, navios...) caísse em tuas mãos? Seria dilapidada em festas e orgias degradantes. E no entanto, com o patrimônio que possuo, poderias viver tranqüila e folgadamente até o último dia de tua vida.

(9) Apresenta o Paquistão Ocidental três estações bem definidas: O inverno, o verão e a estação das chuvas. Em alguns lugares, o inverno é extremamente rigoroso, porém, em geral, seco.

(10) Variedade de peixe. Tem a forma alongada.

(11) Destino — Na crença hinduísta, cada pessoa tem, na vida, certa missão a cumprir, isto é, traz uma mensagem que deve ser entregue ao Destino.

(12) Karachi — Porto de mar. É a atual capital do Paquistão.

(13) Khaipur — Um dos Estados que formam o Paquistão Ocidental.

(14) Munchur — Região dos lagos.



Nova pausa. O Krivá olhou para o filho, que o ouvia de pé, em silêncio. Correu, a seguir, os olhos pela lareira, cujas chamas crepitavam. Depois de passar a mão pela testa, o ancião retomou à palavra:

— Convencido estou de que seria uma injustiça e também um mal irreparável colocar a menor parcela de riqueza em tuas mãos denegridas pelo vício. Deliberei, por isso, deserdar-te. E assim, logo que eu fechar os olhos para a vida, ficarás na miséria. Sem meia ana (15) para o pão. Sem meia ana para a roupa ou para o teto. Terás que trabalhar como um sudra (16) ou mendigar farrapos pelas aldeias. Escavar pedras nas minas, entre os forçados, ou vegetar nos pátios dos templos. Vida de sofrimento; vida de expiação. Quero, entretanto, oferecer-te uma última oportunidade. Oportunidade única, ditada pelo meu coração de pai: Dentro de três dias, a partir de amanhã, dentro de três dias (repito) terás de ganhar uma rupia com o teu trabalho. Presta bem atenção: Ganhar uma rupia com o teu trabalho. Se fizeres isso (dentro do prazo) serás por mim declarado e nomeado herdeiro de todos os meus bens e ficarás rico, prodigiosamente rico. Poderás viver, regaladamente, até a extrema velhice. Caso contrário, serás deserdado e atirado, como já disse, sem remissão, na lama da indigência. Espero que não percas esta oportunidade. Vai!

Aquela decisão do pai impressionou profundamente o jovem Ghana. A possibilidade de ser deserdado e atirado à miséria tinha que ser admitida dentro da pura realidade.

— A situação é realmente grave — pensou. — Meu pai é pelo povo apelidado o Krivá (o homem de uma só palavra). O que ele diz, faz!

E concluiu pensativo:

— Vou tratar de ganhar uma rupia com o meu trabalho.

Voltou o jovem para a companhia dos seus indignos amigos. Um deles o interpelou:

— Que pretendia de ti o velho Samuya?

Para que ocultar a verdade? Contou Ghana a resolução ameaçadora de seu pai e da condição que ele deveria levar a termo, dentro de três dias, para fugir à pobreza, à miséria: — Ganhar uma rupia com o seu trabalho!

— Uma rupia! — chasqueou Soalf, (17) um dos vadios presentes. — Ora, que idéia mais tola! Tu, meu caro Ghana, poderás resolver facilmente o problema e atender ao capricho infantil de teu pai. Tenho uma saída muito fácil para o caso!

— Qual é, Soalf, a tua sugestão? — perguntou Ghana.

(15) Ana — Corresponde a um dezesseis avos da rupia. Dois pices.

(16) Sudra — Indivíduo de casta inferior.

\*\*\*

Não sigas a lei do mal; não vivas na ociosidade. A felicidade do homem está na Verdade e não na Mentira.

("Dhammapada", cap. XIII).

Muito simples — explicou Soalf —, aqui tens uma rupia. Empresto-ta. (Quando receberes a herança, pagar-me-ás dez!). E amanhã, ao cair da tarde, irás ao aposento de teu pai e a ele, ao crédulo Samuya, entregarás esta rupia, dizendo, muito sério: — "aqui está, meu pai, a rupia que ganhei com o meu trabalho!". O velho não terá motivos para duvidar da tua palavra e terás ganho o desafio! A herança dos Samuyas será tua. Que achas?

Concordou Ghana com a sugestão do amigo Soalf e aceitou a rupia emprestada (Mais tarde pagaria dez).

No dia seguinte, ao cair da tarde, entrou Ghana no aposento de seu pai.

— Sua bênção, meu pai! proferiu com voz pausada.

— Que Deus te abençoe, meu filho — respondeu o velho.

— Aqui está, meu pai, a rupia que ganhei, hoje, com o meu trabalho!

E Ghana, com o maior descaramento, entregou ao ancião a rupia que, na véspera, havia recebido do indigno Soalf.

O ancião tomou na mão a moeda que recebera do jovem e pôs-se, em silêncio, a virá-la e revirá-la entre os dedos. Olhava, ora para uma face, e depois punha-se muito atento, a olhar para o anverso. Balanceava, de leve, a mão, como se quisesse sentir o peso da moeda.

A tarde estava fria, muito fria. No fundo da sala a lareira estava acesa; o fogo crepitava. As chamas erguiam bem alto os seus volteios avermelhados.

O judicioso Krivá olhou para o filho, para a moeda e, depois, para o fogo. O rapaz esperava de pé, imóvel, aguardando a decisão paterna. O fogo dava estalidos e atirava para o ar fagulhas que rebrilhavam.

— Meu filho — exclamou de súbito o velho, como se tivesse recebido uma inspiração do céu. — Meu filho! Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho!

E, tendo proferido tais palavras, ergueu a mão e, num gesto rápido, seguro, atirou a moeda ao fogo.

Esmagado pela verdade, Ghana não reclamou, não protestou. Abaixou a cabeça e retirou-se humilhado.

À noite retornou o desajuizado Ghana à companhia dos seus péssimos amigos.

— Então — indagou Soalf, em tom facetó —, conseguiste enganar o teu pai? Venceste a tal aposta logo no primeiro dia?

Relatou Ghana o fracasso e a vergonha que sentiu ao ouvir a verdade cortante: "Esta rupia não foi ganha com o teu trabalho". E lá fora, para o fogo, a rupia de Soalf. O plano fracassara.

(17) Soalf — Anagrama da palavra falso.

\*\*\*

O néscio que despreza a Lei e segue uma doutrina falsa prepara sua própria destruição.

("Dhammapada", cap. XII)

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

